Cadernos Cajuína
Revista Interdisciplinar

V. 9 N. 2 ANO 2024

e249203

O MUNDO INTEIRO É UM PALCO[1]: AÇÃO POLÍTICA, PENSAMENTO E VERDADE, À LUZ DAS TEORIAS DE HANNAH ARENDT E AUGUSTO BOAL

THE WHOLE WORLD IS A STAGE: POLITICAL ACTION, THOUGHT AND TRUTH, IN THE LIGHT OF ARENDT AND BOAL'S THEORY

Durval Cristóvão de Santana Júnior[2]
Luis Lucas Dantas da Silva[3]

RESUMO: Este artigo procura aproximar as teorias de Hannah Arendt e de Augusto Boal. Esses teóricos pensam a partir da experiência, sem se esquivar do que é próprio da ação política: a imprevisibilidade, a irreversibilidade e a contingência. Analisaremos, com base na teoria arendtiana, quais as principais razões do distanciamento entre pensamento e ação, uma marca da tradição metafísica ocidental, e apontaremos as consequências desse afastamento para a filosofia política. Por fim, é nossa meta nesta pesquisa apresentar e refletir sobre possibilidades metodológicas capazes de reaproximar o pensamento da ação no ensino de filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: Ação, Pensamento, Verdade.

ABSTRACT: This article seeks to approach the theories of Hannah Arendt and Augusto Boal. These theorists think from experience, without shying away from what is typical of political action: unpredictability, irreversibility and contingency. We will analyze, based on Arendtian theory, the main reasons for the distance between thought and action, a mark of the Western metaphysical tradition, and we will point out the far-reaching consequences of this for political philosophy. Finally, it is our research goal to present and reflect on this methodological possibility capable of bringing thought closer to action in the teaching of philosophy.

KEYWORDS: Action, Thought, True.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em vários aspectos, o trabalho de Hannah Arendt critica a hipótese metafísica dos dois mundos. Essa hipótese considera que existe um mundo perfeito que serve de modelo para orientar

[1]A frase célebre "o mundo inteiro é um palco" foi retirada da peça *Como Gostais*, de William Shakespeare.

[2]Mestrando em Filosofia pelo mestrado profissional em filosofia (IFPE/UFPR). Atualmente é professor de filosofia da rede Estadual de Pernambuco. E-mail: durvalcristovao87@gmail.com

[3]Orientador, professor doutor em Filosofia pelo Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em Filosofia UFPE/ UFPB/ UFRN; professor efetivo de Filosofia do IFPE. E-mail: lucas.dantas@vitoria.ifpe.edu.br

ISSN: 2448-0916

a vida política: a ação e o discurso. A teoria de Arendt nasce da experiência, dos incidentes vividos e de suas tragédias pessoais. Para ela, as ideias mais elevadas podem emergir de experiências ordinárias. Sua obra pode ser lida como um esforço contínuo para construir pontes sobre o abismo que a tradição metafísica abriu entre o pensamento e a ação.

Arendt resistiu à ideia de ser filósofa, preferiu associar a sua imagem à teoria política. Decretou a falência da filosofia política nos moldes traçados por Platão e abriu uma espécie de concordata para revisar, reformular e reerguer a história do pensamento político ocidental. Recusou o título de filósofa pois considerava que havia algo de errado com a filosofia.Em seu tempo, sob os seus olhos,alguns dos mais importantes filósofos do século XX, que ela chamava de "filósofos profissionais"[4], se ligaram a regimes totalitários ou não foram capazes de perceber a ascensão de modelos políticos autoritários. Essa recusa à filosofia tem uma pitada de ironia. Arendt, por toda a vida, dialogou com os principais expoentes da tradição filosófica: Platão, Agostinho, Kant, Hegel, Marx, Nietzsche, Heidegger. Mais do que isso: Arendt contribuiu com a tradição e ofereceu perguntas e respostas para os principais problemas do seu tempo.

Uma filosofia retirada do mundo não fazia sentido para Arendt. A resposta dada pela tradição metafísica à pergunta "para que serve a filosofia?" é amplamente conhecida e tão difundida no meio filosófico que já se tornou anedótica. A filosofia de verdade, ou melhor, a filosofia da verdade, não titubeia e responde: "filosofia não serve para nada". Dito isso, declarada a inutilidade da filosofia, podemos considerar uma infinidade de argumentos que desejam restaurar a sua dignidade e superioridade. Os mais entusiasmados dirão que a inutilidade tem um valor tão elevado que escapa ao mundo ordinário em que as falsificações perambulam à espera de um obsceno desmascaramento. O que parece chocante é que nenhum filósofo profissional ficaria ruborizado com esse desprestígio. Estranhamente, não servir para nada soa como um elogio.

Quando retorna à cidade, a caverna platônica, o filósofo encontra um mundo estático em que os espectadores, os prisioneiros, passam o tempo divertidos por enganos (as sombras). Arendt, quando analisa o *Mito da caverna*, chama atenção para um mundo sem contradições e sem inimigos, um mundo em que a única justificativa para a existência da mentira seria a perversão. Curiosamente, as tensões só se instalam quando o insurgente, o prisioneiro que se torna filósofo, retorna à caverna para estabelecer novos critérios para a realidade (Arendt, 2022c, p.325).

[4]Arendt retira a expressão da filosofia kantiana. Com frequência, na *Crítica da razão pura,* Kant utiliza a expressão para se referir aos filósofos de um modo geral, mas, especialmente, aos que estão mais ligados a uma herança platônica.

ISSN: 2448-0916

Arendt considera que a filosofia tem um papel social e precisa retornar à cidade, mas não como retornou o prisioneiro-filósofo-rei de Platão. Para ela, o filósofo está mais próximo da mosca do que do rei: "o papel do filósofo, então, não é o de governar a cidade, mas ser o seu 'moscado', tornar os cidadãos mais autênticos, em vez de dizer-lhe verdades filosóficas" (Arendt, 2022b, p. 57).

A mosca pousa, sem distinção, no nariz do rei ou no corpo do mais miserável dos homens em decomposição. Com habilidade invejável e um sofisticadíssimo sistema de defesa, ela desvia de todos os golpes. A mosca é chata, gulosa, porca. A audácia e a força da mosca são reconhecidas na poesia clássica. No *Canto II* da *Ilíada*, de Homero, verso 470, o poeta compara o destemor da mosca à bravura de Menelau, o seu herói. Fora da literatura, a mosca é um inseto apequenado, asqueroso e indesejado. O filósofo-mosca é aquele que estressa a nossa existência acomodada.

Arendt, ao aproximar o filósofo da mosca, chama atenção para o que considera a tarefa da filosofia no espaço público: "tornar os cidadãos mais autênticos, em vez de dizer verdades filosóficas" (Arendt, 2022b, p. 57). O dever político do filósofo é o de empenhar-se em melhorar a opinião do cidadão, e não de fazê-lo um repetidor de verdades. O resultado desse processo não pode ser medido em comparação a uma verdade geral. O filósofo e o cidadão partem do mesmo lugar sem saber qual será o ponto de chegada, e o motor dessa viagem é o exercício do pensar.

A biógrafa, pesquisadora e professora Samantha Rose Hill, na obra intitulada *Hannah Arendt*, escreveu: "a atividade do pensamento, ou seja, de se começar a compreender o mundo, tem o poder de desestabilizar tudo aquilo em que alguém aparenta acreditar. Pensar tem o poder de nos fazer desmoronar" (Hill, 2021, p.16). O pensamento tem o poder de corroer as pretensiosas verdades despóticas que querem se impor e forçar caminhos à inquieta e dinâmica vida pública. Pensar é um movimento capaz de revelar a verdade que inescapavelmente se manifesta atrelada à opinião. Arendt nos diz que a *doxa* não é "nem ilusão subjetiva nem distorção arbitrária, mas aquilo em que a verdade invariavelmente aderia" (Arendt, 2022b, p. 57).

A metodologia escolhida para, no chão da escola, compreendermos como se dá a participação do pensamento na ação política, é o Teatro-Fórum, desenvolvido por Augusto Boal, teatrólogo brasileiro. Essa modalidade teatral é uma das ramificações do Teatro do Oprimido, um conceito amplo que abriga muitas práticas desenvolvidas por Boal e seus colaboradores. São elas: Teatro-Jornal, Teatro-Invisível, Teatro-Fórum, Teatro-Legislativo, Arco-íris do Desejo. Dentre essas opções metodológicas, escolhemos o Teatro-Fórum por consideramos que, por meio dessa

ISSN: 2448-0916

técnica, encontraremos mais espaço para pensarmos as categorias arendtianas mais destacadas em nossa investigação, a saber: *ação*, *pensamento*, *verdade* e *política*.

2. O ESPAÇO DA APARÊNCIA: PENSAMENTO, AÇÃO POLÍTICA E VERDADE

Em *A condição humana*, Hannah Arendt reconhece que o teatro é a "arte política por excelência; somente no teatro a esfera política da vida humana é transportada para a arte. Pelo mesmo motivo, é a única arte cujo assunto é, exclusivamente, o homem em sua relação com outros homens" (Arendt, 2020, p.233). Tanto a filosofia quanto o teatro, cada um à sua maneira, têm como principal assunto a existência humana. O teatro, por meio da representação, examina a existência humana de forma indireta e equívoca. A filosofia, por meio do ensino (diálogo entre mestre e discípulo) ou da escrita, aborda as questões relativas à existência humana de modo direto e unívoco, procurando eliminaras contradições (Badiou; Truong, 2016, p.31). Para Arendt, o pensamento político é representativo, pois forma uma opinião considerando determinado tema de diversos pontos de vista, e essa pluralidade fortalece a argumentação (Arendt, 2022c, p.339).

O teatro está em consonância com a teoria política arendtiana. O léxico próprio da linguagem teatral é recorrente em algumas obras de Hannah Arendt. Em sua última obra,*A vida do espírito*[5], ela se aproxima do teatro de forma direta e tangenciada nas palavras: *ator*, *entrada em cena*, *contracena*, *espectadores*, *palco*, *crítico*, *representação*, *público*. Para Arendt, existir neste mundo significa dispor de qualidades que permitam tanto aparecer aos demais como ser espectador de seu aparecimento: "as coisas vivas aparecem em cena como atores em um palco montado para elas. O palco é comum a todos os que estão vivos, mas ele parece diferente para cada espécie e para cada indivíduo da espécie" (Arendt, 2022a, p. 41). No mundo, contracenamos. Cada coisa viva depende de um palco para existir, e essa aparição precisa de espectadores para certificá-la. A cena teatral é um excelente meio de reconstrução das dinâmicas da ação política. Dentre todas as linguagens artísticas, a teatral é a que mais se abre para o real, portanto é a que melhor plasma a dinâmica da ação política.

Em *A condição humana*, Arendt se dedica a investigar a *vita activa*— aquilo que fazemos em companhia dos outros. Para ela, depois do conflito entre a *pólis* e o filósofo, que resultou na morte

[5]Arendt morreu antes de concluir *A vida do espírito*, a sua publicação foi póstuma.

de Sócrates, a *vita activa*foi rebaixada em sua importância. Com isso, a *vita contemplativa* tornou-se o modo de vida propriamente filosófico.

Com Platão, esse rebaixamento do político, do que é comum aos humanos e que nos habilita a lidar com o mundo fenomênico, se intensifica e se manifesta como vingança e autoproteção em sua obra capital, *A República*. Se a política matou o homem mais sábio da Grécia, não podemos confiar nela. Platão, em seu projeto político, acreditava que as ideias controlavam e organizavam o mundo.[6] Esse projeto autoritário desconsidera a pluralidade humana manifesta na ação e no discurso. Os assuntos humanos estão engendrados em uma complexa teia de relações contingentes que escapam às garras da previsibilidade teórica.

Em um ensaio intitulado *Verdade e política*, que faz parte da obra *Entre o passado e o futuro*, Arendt afirma que não é nenhuma novidade que verdade e política não se dêem bem. A política está acostumada a renunciar à verdade. No melhor dos casos, a renúncia se dá quando o mundo precisa ser preservado. Para mostrar os embaraços que a verdade filosófica pode provocar, Arendt cita um velho ditado latino:*fiat iustitia, et pereatmundus* (faça-se justiça, mesmo que a verdade pereça). Para propósitos políticos, o ditado latino não faz o menor sentido. Se entendermos a ação política como um meio para determinado fim, podemos considerar que uma mentira pode estabelecer ou salvaguardar condições para o surgimento da verdade (Arendt, 2022c, p.323). Além disso, na ação política, uma mentira pode substituir meios mais violentos (Arendt, 2022c, p. 324).

Que espírito está preparado para aceitar uma verdade que ameace o seu lucro ou o seu prazer? Sendo assim, quase sempre, para a política é mais conveniente que a verdade não seja deste mundo. A verdade filosófica, no espaço político, quando ameaça o lucro ou o prazer, não é bem-vinda (Arendt, 2022c, p. 325).

Aquele que, no espaço público, mente, para Arendt, é um ator por natureza. Está sempre no palco político. Ele tende a ser mais bem-sucedido, pois tem mais liberdade para moldar os fatos e adequá-los ao desejo da audiência. Além disso, o mentiroso, livre de um compromisso com a verdade, escapa à imprevisibilidade da realidade e pode engendrar os acontecimentos de maneira mais lógica, criar efeitos dramatúrgicos. Diz Arendt: "A realidade desagrada a integridade do senso comum tanto quanto prejudica o proveito e o prazer" (Arendt, 2022c, p.352). O mentiroso, consciente da mentira, é capaz de discernir entre mentira e verdade. Por ser capaz de fazer essa

[6]Platão, de passagem por Siracusa com seu amigo Dion, tentou transformar o chefe político do lugar, o tirano Dionísio, no rei-filósofo de seu livro *A República*.

ISSN: 2448-0916

distinção, ao ocultar a verdade, ele não a elimina completamente do mundo (Arendt, 2022c, p.356). Arendt cita Montaigne para dizer que a mentira tem muitas faces, mas a verdade só tem uma. Se a mentira possuísse apenas uma face,seria mais fácil saber a verdade, pois bastaria descobrir o seu contrário (Arendt, 2022c, p.360).

Os conflitos entre verdade e política se manifestam de modos variados, mas, do ponto de vista histórico, para Arendt, essa querela surgiu do estabelecimento de "dois modos de vida diametralmente opostos — a vida do filósofo, tal como interpretada por Parmênides e, depois, por Platão, e o modo de vida do cidadão" (Arendt, 2022c, p. 329). As opiniões dos cidadãos são plurais e estão em constante fluxo. As ideias dos filósofos são duradouras e delas é possível derivar princípios capazes de imobilizar os assuntos humanos. Esses modos de vida representam a cisão entre pensamento e ação alimentada pela tradição platônica.

Para Arendt, o filósofo que melhor aproximou pensamento e ação foi Sócrates. Acreditamos que as principais linhas de força da teoria de arendtiana vão nesta direção: reconciliar pensamento e ação. A atividade do pensamento, para Arendt, implica uma suspensão provisória — um desligamento do mundo das aparências — para chegar a uma conclusão sobre o sentido das coisas. Diz Arendt: "pensar tem um fim em si mesmo, é como tocar flauta, o resultado não é tangível, não está no mundo em que habitamos" (Arendt, 2022b, p.168). A atividade do pensamento é paradoxal, pois, enquanto estamos no exercício do pensar, estamos em atividade, mas não fazemos nada e não produzimos nada em sentido utilitário. É importante destacar que Arendt faz uma distinção entre pensar e pensamento. O pensar é uma atividade do espírito que não encontra lugar nesse mundo, e o pensamento é o que surge desse movimento. Quando Arendt diz que ao pensar não fazemos nada, cabe destacar que ela se refere à quietude da *vita contemplativa.* Sendo assim, o exercício do pensar cumpre o importantíssimo papel de combater uma racionalidade carente de imaginação.

Contudo, a política não é completamente aversa à verdade: "dado que a verdade filosófica carrega consigo um elemento de coerção, ela pode tentar o político sob determinadas condições, assim como o poder da opinião pode tentar o filósofo" (Arendt, 2022c, p.346). As verdades metafísicas se encontram acima dos homens, não entre eles. A opinião é ruidosa e tende a provocar mais ruído. A verdade é silenciadora. Depois dela, o silêncio se estabelece. A opinião conduz à exibição pública, enquanto a filosofia conduz a um recolhimento.

Na teoria platônica, a opinião é sempre compreendida como o oposto da verdade. E, para chegar à verdade, um grande esforço é necessário. Para Platão, a verdade está encoberta. Se concordamos com a tese de Kant, como Arendt em sua leitura política concordou, seria indefensável pensar que uma verdade racionalmente descoberta pudesse corresponder à realidade fenomênica. O conceito de uma coisa não é a própria coisa (Arendt, 2022b, p.23). Ela compreende que essa identificação pode operar perversas conversões de ideologias em realidade.

Diferentemente de Platão, a realidade para Arendt está colada à superfície. Essa coisa de buscar a verdade escavando a superfície em busca do ser, o nome mais secreto, pode ser apenas um truque da razão, um efeito da superfície, já que a verdade adere invariavelmente à aparência (Arendt, 2022b, p.61). Hannah Arendt olha o mundo por uma perspectiva fenomenológica; a realidade é o mundo fenomênico, portanto tudo é enquanto se manifesta. Em Arendt, podemos dizer que há uma identificação entre ser e parecer. Mesmo que a verdade seja entendida como *aletheia* (desvelamento), o que se desvela ainda é uma aparência. Desse modo, podemos considerar que a superfície, no pensamento arendtiano, tem valor destacado. O aparecer é sempre uma aparência, e essa aparência possui a sua realidade.

Permitam-me contar uma anedota muito conhecida no teatro que pode ajudar a compreender essa identificação entre ser e parecer. Molière, um dos maiores dramaturgos do mundo, morreu em cena enquanto representava *O doente imaginário*, a sua última peça. Ele morreu de uma doença bem real enquanto representava alguém com uma doença imaginária. Que lição podemos tirar disso? Primeiro, podemos dizer que o real frustra a representação. Depois, podemos concluir que o real é algo que precisa ser desmascarado. Mas, para considerar o que está por trás da máscara, preciso reconhecer a realidade da máscara (Badiou, 2017, p.18-20). Sendo assim, é possível considerar que há uma verdade na máscara exibida. Acreditamos que a escolha do teatro, por Arendt, como metáfora privilegiada para falar da vida pública, se dê, em parte, por isso.

Do ponto de vista do discurso, a *doxa* (opinião) ensombra a verdade. A palavra *doxa* está ligada à esfera política e não significa apenas opinião, também quer dizer esplendor e fama. Afirmar a própria opinião na esfera pública, entre os gregos, era um modo de mostrar quem é (Arendt, 2022b, p.56). Atualmente, no mundo virtual, o público e o privado estão misturados. Na internet, as comunidades virtuais se formam por uma estranha fraternidade: as pessoas se unem unidas por um ódio comum. Arendt, quando se dedica a falar sobre o encontro público, característico do diálogo socrático, diz que ele acontece entre amigos, e essa é uma condição importante. Entre

ISSN: 2448-0916

amigos, podemos divergir, e o embate ideológico não visa destruir a opinião do outro. Além disso, uma conversa entre amigos não precisa chegar a nenhuma conclusão. Diz Arendt: "a amizade consiste, de fato, em larga medida, naquele gênero de conversa sobre alguma coisa que os amigos têm em comum" (Arendt, 2022b, p.59). Para Aristóteles, a amizade é mais do que a justiça, pois ela forma uma espécie de liga entre as pessoas na comunidade: "a amizade é mais elevada que a justiça, porque esta já não é necessária entre amigos" (Arendt, 2022b, p.59).

Sócrates era o filósofo do passeio público, gostava de conversar e fazer amizades. Segundo Arendt, Sócrates "queria ajudar as pessoas a darem à luz os seus próprios pensamentos, a encontrar a verdade em sua *doxa*" (Arendt, 2022b, p.56). Desse modo, a verdade não preexistiria ao encontro, nem a maiêutica desconsideraria a posição do outro. Completa Arendt: "como ninguém pode saber de antemão a *doxa* do outro, ninguém pode saber por si mesmo e sem esforços adicionais a verdade inerente à sua própria opinião" (Arendt, 2022b, p.56).

3. O TEATRO-FÓRUM COMO MEIO DE APROXIMAÇÃOENTRE AÇÃO E PENSAMENTO NO ENSINO DE FILOSOFIA

González Porta, em seu livro *A filosofia a partir de seus problemas*, ao abordar a relação da filosofia com o texto,nos diz: "a onipotência do texto produz um empobrecimento do trabalho intelectual, pois já não se obtém um benefício adequado das suas diferentes modalidades. Nisso a filosofia tem muito a aprender da relação teatro-literatura" (Porta, 2014, p.96). Há muitas possibilidades de abordar a relação teatro-literatura. Tanto a filosofia quanto o teatro são muito dependentes da palavra — embora é certo que a liberdade da arte permita ao teatro mais experimentações. A ideia de texto, no Teatro-Fórum, requer uma compreensão mais abrangente. Essa modalidade teatral pode ser independente de uma escritura dramática e, portanto, existir como uma imagem ou como uma forma radicalmente aberta, improvisada.

O Teatro-Fórum é "uma espécie de luta ou jogo e, como tal, tem suas regras. Elas podem ser modificadas, mas sempre existirão, para que todos participem e uma discussão profunda e fecunda possa nascer" (BOAL, 2012, p. 50). O pesquisador e praticante do Teatro do Oprimido, Julian Boal, filho de Augusto Boal, em recente publicação analisando os escritos e o legado do seu pai, definiu o Teatro-Fórum assim: "Nessa forma, idealmente, um grupo de pessoas que compartilham uma opressão específica se juntam e criam um espetáculo, no qual o protagonista

ISSN: 2448-0916

tenta lutar contra uma manifestação dessa opressão e acaba derrotado" (Boal, 2022, p.64). O espetáculo é dividido em dois momentos. No primeiro momento, a história é apresentada sem interrupções. No segundo momento, o mediador (coringa), que na realidade da escola pode ser o professor, provoca o público, "pessoas ligadas à opressão exposta, a tomar o lugar do protagonista e tentar novas alternativas de luta" (Boal, 2022, p.64). A finalidade dessa modalidade teatral assemelha-se à tarefa política do filósofo já esboçada neste artigo. Para o Teatro-Fórum, a realidade que se mostra é uma possibilidade entre outras possibilidades, "o teatro poderia então conjugá-la no condicional, imaginando e ensaiando outras realidades possíveis" (Boal, 2022, p.11).

Para a teoria de Arendt, a verdade filosófica, no espaço político, tem um caráter opressor. Podemos considerar que os conceitos, para teórica, são como "mananciais a partir dos quais iniciamos a tarefa do pensar. A implicação disto é que não pode existir algo como a 'a verdade', porque 'a verdade' precisa ser constantemente repensada a partir da perspectiva das nossas mais novas experiências" (Hill, 2021, p.15). Desse modo, a representação vai além da ilustração do problema, ela é partícipe do processo cognitivo. A representação é própria do pensamento político, como ressaltou Arendt:

> Quanto mais posições de pessoas eu tiver presente em minha mente ao ponderar um dado problema, e quanto melhor puder imaginar como eu sentiria e estivesse em seu lugar, mais forte seria a minha capacidade de pensar representativo e mais válidas minhas conclusões finais, opiniões (Arendt, 2022c, p. 340).

Em seu livro *Jogos para atores e não atores*, Boal nos diz que a capacidade de se observar em ação é própria dos seres humanos. De acordo com Julian Boal, o Teatro do Oprimido acrescentaria a essa capacidade a possibilidade de transformar o que observamos (Boal, 2022, p.11). No chão da escola, o Teatro-Fórum, instaura o que Arendt chama de espaço da aparência: "o espaço da aparência passa a existir sempre que os homens se reúnem na modalidade do discurso e da ação" (Arendt, 2020, p.247). Esse espaço preexiste a todo espaço político formalizado. Esse espaço político existe potencialmente onde quer que as pessoas se reúnam.

Para construção da cena, o professor precisa ouvir as angústias, os conflitos e os seus desejos da comunidade escolar. No Teatro-Fórum, "o centro de gravidade se encontra na platéia, não no palco" (Boal, 2022, p.62). Essa expressão do teatro não esconde o seu desejo de operar

como um instrumento de transformação da sociedade. Desse modo, um resultado estético satisfatório não pode estar descolado desses propósitos.

No segundo momento, quando se abre efetivamente o fórum, um espaço para a manifestação de ideias e de proposições, com o objetivo de enxergar os problemas por óticas variadas, o pensamento crítico encontra um terreno fértil para ebulir, pois, agora,"os pontos de vista do outro estão abertos à inspeção" (Arendt, 2022a, p.600). O problema levantado pela representação teatral é discutido pelo grupo, e uma diversidade de visões e proposições encontram um espaço na cena para serem mais bem apreciadas.

Apesar de a atividade do pensamento, o pensar,s er uma tarefa solitária, quando estamos absortos nessa empreitada, por meio da imaginação, tornamos os outros presentes. Com isso, potencialmente, nos movemos em um espaço que é público, aberto a todos os lados (Arendt, 2022a, p.600). O Teatro-Fórum, por meio da representação, das discussões e das experimentações, contribui para o alargamento da mentalidade dos alunos. Para Arendt, "o 'pensamento alargado' resulta, primeiramente, de uma abstração das limitações que se juntam contingentemente a nosso próprio juízo" (Arendt, 2022a, p.601). No segundo momento, quando se dá a abertura radical da cena, a mediação do professor pode lançar um novo olhar para as contingências e possibilitar que novas inquietações filosóficas apareçam. Ainda nesse momento, os estudantes-espectadores se tornam estudantes-atores. A observação, a reflexão e a atuação contribuem para a ampliação dos horizontes dos alunos. Essa visão mais geral, ampliada, estará intimamente ligada aos particulares. Desse modo, a ação política e o pensamento voltam a se tocar e dançam nas zonas escuras da contingência e da imprevisibilidade.

A imprevisibilidadeda ação política, expressa na representação teatral, fustiga a filosofia de tradição platônica. O ideário normativo da verdade depurada pela dialética, quando é servido como um modelo de ação para regular os modos de existir na cidade, atenta contra a pluralidade humana. A inflexibilidade desses modelos não serve como medida absoluta para ação. Em *A condição humana*, no capítulo dedicado à ação, diz Arendt: "O fato de o homem ser capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável" (Arendt, 2020, p.220) A ação política, para Arendt, possui três características fundamentais. São elas: imprevisibilidade, contingência e irreversibilidade. O teatro oferece as condições necessárias para a manifestação das características próprias da ação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O encontro entre Arendt e Boal possibilita novas e fecundas relações entre a filosofia e os seus modos de acontecer e de existir no mundo. A consonância entre a teoria desses autores esfumaça as fronteiras entre o uso instrumental de uma metodologia teatral, o Teatro-Fórum, e os seus fins, o ensino da filosofia política.

O Teatro-Fórum não substitui a ação política nem é superior a ela. Para Augusto Boal, a greve ensina mais (Boal, 2022, p.63). Mas, apesar de atrasar a insurreição, esse teatro que faz da representação um exercício de pensamento e pensa a partir da representação, possibilita a construção tática da pluralidade das emancipações ao pô-las em jogo (Boal, 2022, p.63).

Em suma, esta pesquisa, modestamente, procura abrir mais um espaço para a filosofia se reconectar com mundo. Na sala de aula, é recorrente a queixa de que os problemas filosóficos são abstrações que não encontram espaço na vida ordinária, cotidiana. Nesta proposta, os problemas filosóficos trabalhados em sala surgem dos dramas existenciais da vida comum.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo.Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.

ARENDT, Hannah. **A vida do espírito**. Trad. Cesar Augusto de Almeida; Antônio Abranches; Helena Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022a.

ARENDT, Hannah. **A promessa da política**. Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2022b.

ARENDT, Hannah.**Entre o passado e o futuro.** Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2022c.

BADIOU, Alain. **Elogio ao teatro**. Trad. Fernando Scheibe. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

BADIOU, Alain. Truong, Nicolas. **Em busca do real perdido**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Perspectiva, 2017.

HILL, Samantha Rose. **Hannah Arendt**.Trad. Juliana Albuquerque. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022.

PORTA, González. **A filosofia a partir dos seus problemas**.São Paulo: Edições Loyola,2023.